



Revista Design em Foco

ISSN: 1807-3778

designemfoco@uneb.br

Universidade do Estado da Bahia

Brasil

França, Rosa Alice

Design e artesanato: uma proposta social

Revista Design em Foco, vol. II, núm. 2, julho-dezembro, 2005, pp. 9-15

Universidade do Estado da Bahia

Bahia, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=66120202>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Design e artesanato: uma proposta social

Design and handcraft: a social proposal

Resumo

Este artigo é fruto de uma experiência desenvolvida com uma população carente, como proposta de geração de trabalho e renda, com objetivo de abrir novos mercados para produtos artesanais, respeitando a cultura de cada local e a criatividade de seus profissionais. A experiência visa, também, contribuir para capacitação profissional, inserção no mercado produtivo e melhoria das condições de vida dos familiares, pais ou responsáveis pelas crianças e adolescentes beneficiados pelo Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI. Trata-se, portanto, de relacionamentos entre design, cultura e sociedade.

Abstract

This article is the product of an experience developed with poor populations, as a proposal of work and income generation, aiming to open new markets for handcraft products, respecting local culture and the professionals' creativity. The experience also aims to contribute for professional empowerment, insertion into the productive market, and improvement of the quality of life and conditions of family members, parents or those responsible for children and teenagers benefited with the Programa de Erradicação do Trabalho Infantil –PETI (Child Labor Eradication Program). Therefore, it deals with relationships between design, culture and society.

Palavras-chave

Design social, identidade, cultura.

Keywords

Social design, identity, culture.

1. Introdução

No ano de 2002, fui convidada pela administração pública municipal de Salvador para participar de um programa de geração de trabalho e renda destinado a uma população carente, com objetivo de contribuir para capacitação profissional, inserção no mercado produtivo e melhoria das condições de vida dos familiares, pais ou responsáveis pelas crianças e adolescentes beneficiados pelo Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI. Confesso que fiquei seduzida com o convite e a possibilidade de embarcar na aventura de migrar de minha área de inserção original para a área do Design, implantar a médio prazo uma Oficina Comunitária de Tecelagem Artesanal e contribuir para a capacitação profissional de 40 pessoas entre familiares dos educandos do PETI e portadores de necessidades especiais.

Ainda que possuindo formação artística e longa experiência com a arte têxtil, estive dedicada por muitos anos ao ensino e pesquisa em

Sobre a autora:

Rosa Alice França

Graduada em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mestre em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAU-USP e Doutora em Arquitetura na área da Expressão Gráfica em la Ideación y Representación de la Ciudad y la Arquitectura pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidad Politécnica de Madrid. Lecionou na Faculdade de Arquitetura e no Mestrado em Artes Visuais da UFBA. Atua como professora nos cursos de Design Gráfico e Publicidade e Propaganda das Faculdades Jorge Amado, em Salvador.

curso de arquitetura e urbanismo, com a oportunidade de por em prática uma atuação que corresponda à demanda do design social, empreendi a tarefa de projetar, implantar e coordenar o referido projeto, que contou, também, com a participação de outros profissionais de serviços humanos, que foram trazidos como parte da intervenção.

Tarefa nada fácil, desenvolver uma atividade extremamente criativa para proporcionar a pessoas em extremo grau de carência, uma população que não constitui uma classe de consumidores no sentido do mercado, garantia de sua sobrevivência através deste trabalho, considerando que todo o trabalho de resgate que vem acontecendo no país dá-se através de comunidades com tradição no fazer artesanal.

A minha experiência com a tecelagem artesanal sempre esteve pautada no conhecimento e na prática de uma atividade artística, mas naquele momento me defrontava com o desafio de planejá-la e de coordenar, com a função de integrar os aportes de diferentes especialidades, desde a especificação de matéria prima, passando pela produção à utilização e o destino final do produto.

O artesanato, em todo o mundo, voltou a ser valorizado. No Brasil, depois de décadas de abandono, entidade como o Sebrae, SESC – Oficina de Arte Popular Brasileira - ou o programa de Artesanato e Geração de Renda do Conselho da Comunidade Solidária, diversas ONGs e designers promovem hoje o revigoramento, o resgate do artesanato baseado em nossas tradições culturais, abrindo caminhos para uma possível nova realidade no design brasileiro. E, principalmente, contribuindo para a recuperação da confiança em nossa capacidade de criação.

Estes projetos têm o objetivo de abrir novos mercados para produtos artesanais, respeitando a cultura de cada local e a criatividade de seus profissionais, pois a tecelagem manual representa um universo comercial cada vez mais valorizado. Além de arregimentar cidades inteiras em regiões rurais, transforma-se em opção para consumidor, que procura, cada vez mais, o novo no antigo, o moderno no básico, a qualidade e a criatividade no trabalho manual até como padrão de tendência para a própria indústria.

Tratando-se de produção artesanal, vale a pena lembrar que esta se caracteriza pelo domínio do artesão em todas as fases do processo de produção. Esse processo vai desde a obtenção de matéria-prima, domínio de técnicas de produção e do processo de trabalho até a comercialização do produto ao consumidor.

Muito do que hoje está sendo recuperado é tocado pela mão do designer. Trata-se de um trabalho que redescobre o antigo fazer artesanal e o orienta – sem ferir em sua expressão original – no sentido de torná-lo adequado ao mercado. O Sebrae tem sido o responsável pela maioria dessas ações, em todo Brasil. Este desafio – que é também um desafio lançado aos designers – é identificar o diferencial, as características desse design, é criar produtos capazes

de encontrar um mercado local, nacional e internacional. Neste contexto, o design tem um papel importante, na medida em que abrange atividades de planejamento, decisões e práticas, que vão afetar direta ou indiretamente a vida das pessoas.

A crescente globalização dos mercados e as suas transformações políticas, sociais e culturais, a perda de nossas tradições, o abandono em que foram deixadas as comunidades artesanais – cujos habitantes procuram o falso tradicional e o falso moderno no artesanato para turistas – resultaram em uma homogeneização, uma pasteurização da produção para agradar ao consumidor, muitas vezes, em um fazer pobre e mal-executado, sem raízes.

É cada vez mais crescente, em todo mundo, o apelo por novas expressões, por soluções inovadoras que tragam uma maior vitalidade à produção artesanal. Aspira-se por um design de forte identidade, que já parece possível, pois a consciência de sua importância já existe entre nós, seja por parte dos órgãos do governo, seja por outras entidades, ou entre os empresários. Partir de referências locais, do conhecimento da própria cultura, que passa por uma percepção da tradição e atingir o global, é, sem dúvida, um interessante ponto de partida.

O que se propõe não é um retorno simplista ao fazer artesanal, mas uma hipótese de inversão na direção do olhar como base para uma estética brasileira e universal. Seria como apontar um caminho que passa pela recuperação e utilização do artesanato, um caminho ainda pouco trilhado.

“A cultura de uma sociedade é formada pela produção de seus bens e valores, que através das coordenadas cronológicas e cosmológicas caracterizam as identidades das pessoas. A atividade artística, por excelência uma das manifestações culturais mais expressivas de uma sociedade, oferece exemplos dos diferentes modos de percepção e apropriação da realidade” (BOMFIM, 1999, p. 151).

Trata-se, portanto, de relacionamentos entre design, cultura e sociedade.

“O Design entendido como matéria conformada, participa da criação cultural, ou seja, o Design é uma práxis que confirma ou questiona a cultura de uma determinada sociedade, o que caracteriza um processo dialético entre mimese e poese” (Ibid., p. 150).

A criatividade é o fator determinante. Liberdade e diversidade são atributos do trabalho criativo, são também palavras que podem definir nosso tempo. A esses valores agregamos a qualidade. Entendendo-se esta como sinônimo de pesquisa e inovação no conceito, na forma e na escolha de materiais e de técnicas, é também qualidade de execução, respeito à ecologia e uma dose de poesia. Podemos dizer que, hoje, também faz parte da qualidade uma atenção às raízes culturais do próprio país, ou região.

2. Diretrizes Metodológicas

O grande desemprego no Brasil, ligado à estagnação econômica dos últimos anos, a reestruturação das grandes empresas aliada à necessidade de especialização no mercado de trabalho, cada vez maior, tem levado à transformação de assalariados em trabalhadores autônomos ou, de forma ainda muito incipiente, ao associativismo. Toda essa questão do desemprego vai refletir principalmente nas questões familiares, considerando que os adultos ficam sem possibilidades de suprir as necessidades de suas famílias – em especial crianças e adolescentes. Como consequência direta desse processo é a presença de grande número de crianças nas ruas buscando, também, uma forma de prover suas necessidades



Figuras 1 e 2 - Oficinas de tecelagem.

É neste contexto que surge a iniciativa para a realização da Oficina Comunitária de Tecelagem Artesanal e, posteriormente, a COOPERTÊXTIL. O projeto passou por diversas fases, desde a sua concepção, aquisição de equipamentos e implantação, aquisição de matéria prima, organização do espaço físico para a instalação da Oficina, seleção dos aprendizes, adaptação dos ensinamentos ao tear de pedal, nas técnicas e padronagens da tecelagem artesanal, criação dos desenhos dos produtos, diretrizes na escolha das cores, até a fase de divulgação e comercialização. O grupo recebeu capacitação na área do cooperativismo e associativismo, instruções para criação e desenvolvimento da cooperativa para que pudessem ser capazes de gerenciar o negócio de maneira independente, coordenando a produção, as vendas, a entrega, os prazos e também a administração do dinheiro.

O projeto incorporou os princípios de trabalho em parceria, descentralização nas tomadas de decisões, troca de informações, reforço à auto-estima e promoção de cidadania no combate à pobreza e à exclusão social na cidade de Salvador, gerando dinâmicas sociais, culturais e comerciais a partir de valores da própria comunidade.



Figura 3 - Capacitação para associativismo e cooperativismo.

A promoção da cidadania permeou todo trabalho, seja no processo de qualificação ou aperfeiçoamento da qualidade dos produtos, seja no fortalecimento da organização cooperativa, ou ainda no aprendizado para formação de preços e uma futura participação em rodas de negócios. Com essa forma de trabalhar, foi possível atrair pessoas carentes com grau de escolaridade mínima, para produção artesanal.



Figura 4 - Trabalho com tecelagem.

Acreditamos que valorização da atividade artesanal se reflete em áreas ligadas à auto estima, motivando pessoas a buscarem condições dignas de vida, por se sentirem merecedoras dessas melhorias. A inclusão produtiva apresenta-se como via estratégica para oportunizar a essas famílias o acesso ao mundo do trabalho e ensejar formas de desenvolvimento de sua capacidade de produção, tornando-as capazes de garantir sua sobrevivência, autonomia e cidadania, na perspectiva de contribuir, efetivamente, para a erradicação do trabalho infantil.

A Coopertextil trilhou por um caminho inverso em relação às associações e cooperativas artesanais inseridas nos programas anteriormente citados, pois os seus integrantes não tinham nenhuma tradição no

fazer artesanal. Porém, trabalhamos no sentido de que eles entrassem na raiz do seu próprio processo, para perceber que o poder maior está na capacidade de sonhar e realizar. Eles foram preparados para serem artesãos.

O projeto contemplava, ainda, os seguintes setores:

- Implantação da oficina escola, envolvendo, além da instrução e orientação quanto a custos, o consumo de materiais, a elaboração de projetos, a instalação de unidades domésticas e toda orientação adicional necessária ao pleno desenvolvimento da capacidade produtiva da Oficina.
- Unidades Domésticas, que seriam ateliês particulares, ou apenas oficinas de apoio à oficina-escola. No caso destes, cada pessoa interessada poderia montar seu próprio espaço, com orientação da escola, podendo desenvolver dois trabalhos distintos: a fiação e a tecelagem, em sua própria casa. A idéia básica é o fornecimento de matérias primas pela Oficina-Escola às Unidades Domésticas, e o retorno de produtos desta para a Loja Comunitária da Oficina.
- Loja anexa ao atelier, um setor de vendas dos produtos elaborados pela escola ou comunidade. Aberta ao público, deverá ter um entrosamento perfeito com a produção, na definição daqueles produtos de maior agrado, ou eventuais encomendas.



Figura 5 - Participação em feiras.

Trata-se de um processo em desenvolvimento que surgiu e que se amplia. O grupo, após três anos de uma atividade criadora intensa, entende que, se existe dificuldade técnica em fazer alguma peça, isto não é o mais grave. O que vale é a capacidade que eles adquiriram em transformar o que não era visível numa coisa clara, e isto é um grande poder.

3. A Tecelagem Artesanal

A tecelagem é um setor privilegiado do artesanato: coloca em discussão a manifestação da arte contemporânea e a função do objeto utilitário. É uma arte que acompanha o desenvolvimento do ser humano desde os primórdios da civilização. Os diferentes povos, de acordo com sua cultura, clima e região, desenvolveram o processo de tecer, que se estende desde a manufatura de utensílios domésticos até vestuário e peças decorativas. Na verdade, é muito difícil precisar quando teve início, por tratar-se de produtos perecíveis com o tempo, mas registros arqueológicos já encontraram indícios desta arte em peças pintadas com mais de 4.000 anos.

Suas técnicas milenares acompanharam o ser humano desde os primórdios da civilização e estão identificadas com as próprias necessidades do homem, de agasalho, de proteção e expressão. Não envelhecem nem são restritivas. Ao contrário, abrem infinitas possibilidades de resultados, favorecem a diversidade, desafiam a criação e chamam a atenção de designers têxtil como Daniela Moreau, Ari Carlos Beraldin Jr., Vaninha, Edmar de Almeida, Dona Manuelita, Lídia Gomes Campelo, Luciana Gontijo, Lenita Paiva e Renato Imbroisi, que vêm assessorando associações e cooperativas pelo interior do Brasil em trabalho comunitário,

na melhoria do tingimento dos fios e acabamentos, organizando a compra de materiais e o transporte, ou ainda, resgatando padronagens antigas. Para Renato Imbroisi,

“o Brasil tem uma enorme variação de soluções de tecelagem, de Norte a Sul: o grupo de Berilo, em Minas Gerais, planta o algodão, fia e tece. Esse grupo passou conhecimentos às artesãs do Piauí, que tece o fio e montam uma peça por vez no seu tear de alto liço. Assim, esta oficina assumiu um papel de multiplicador de cultura: além das trocas mútuas, explorou-se por exemplo, a junção na tecelagem com o crochê do grupo de trançados nesta oficina. No caso dos pingentes de barro agregados às franjas, essa é uma tentativa de chamar a atenção das tecelãs para utilização das matérias-primas disponíveis na região e para enriquecer de sentidos o produto final, seja com barro, sementes ou palha” (IMBROISI, 2000, p. 111).

Com o crescente interesse e valorização das artes manuais, inclusive da tecelagem, hoje, encontram-se nos grandes centros, sem dificuldade, oficinas têxteis, cada uma desenvolvendo sua própria linguagem, algumas na arte, outras na fabricação de peças para vestuário e decoração.

A tecelagem utilitária evoluiu na tecnologia, e sua expressão procurou os caminhos naturais, incorporando os mais diversos tipos de fibras disponíveis em cada região. Aí, as tramas e urdiduras se entrelaçam também para dar forma ao pensamento, à intuição. A disponibilidade de uma determinada matéria prima conduz à especialização em técnicas específicas em cada região. A combinação destes fatores



Figuras 6 a 8 - Exemplos de fibras naturais.



Figuras 9 e 10 - Exemplos de produção e tecelagem com fibras naturais.

com os ditames dos valores sociais e dos estilos de vida, junto com a influência do clima, leva a que os tecidos de cada comunidade desenvolvam características tradicionais distintas.

São fibras de algodão, de lã, de linho, fiadas e tingidas por processos manuais que, nos teares, através das mãos do artista, se unem em cores e formas. Atualmente, o mundo da criação têxtil abarca uma grande variedade de efeitos, padrões, técnicas e materiais. As novas fibras, o tratamento dos tecidos, junto com as práticas tradicionais e as fibras naturais utilizadas na confecção de tecidos até o século XX, constituem a origem dessa diversidade.

Na Bahia, a tecelagem artesanal ganhou importância em consequência da utilização do pano-da-costa, de origem africana ou de rigor artesanal próximo ao africano, no vestuário das mulheres. Atualmente, ele é um tecido ritual utilizados pelas mães-de-santo, equedes e filhas-de-santo, identificando o posicionamento e os tipos de festas nas comunidades religiosas dos terreiros afro-brasileiros, notadamente nos de candomblé. A padronagem segue o modelo de origem africana com pequenas modificações na forma como são armados ou diagramados as listas ou os quadrículos, bem como a combinação de cores, cujo significado assume alta importância como elemento simbólico que identifica o orixá a quem pertence o pano. O trabalho de tecer o pano-da-costa em Salvador, durante muitos anos, esteve a cargo do mestre Abdias, mantenedor deste saber artesanal.

4. Referências

- ABDESIGN. *Design na Bahia*. Salvador: Solisluna, 2002.
- ARC DESIGN – *Revista Bimestral de Design, Arquitetura, Interiores, Comportamento, n. 32*. São Paulo: Maria Helena Estrada Editores, 2003.
- BOMFIM, G. A. *Formas do design*. Rio de Janeiro: 2AB, 1999.
- GILLOW, John; SENTANCE, Bryan. *Tejidos del mundo*. Hondarribia: Editorial Nerea, 2000.
- IMBROISI, R. *Mestres Artesãos*. São Paulo: Escola de Reeducação do Movimento Ivaldo Bertazzo, 2000.
- NIEMEYER, Lucy. *Design no Brasil: origem e instalação*. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.
- REVISTA DESIGNEMFOCO. Universidade do Estado da Bahia- UNEB. V. I, n.1 jul/dez 2004.
- REVISTA DESIGNEMFOCO. Universidade do Estado da Bahia- UNEB. V. II, n.1 jan/jun 2005.
- SOUZA COUTO, Maria Rita; OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de. *Formas do Design: por uma metodologia interdisciplinar*. Rio de Janeiro: 2AB / PUC-Rio, 1999.